

Transcrição do Áudio de Tião Carvalho (Grupo Cupuaçu)

__O Grupo Cupuaçu foi formado em 1986. Na verdade, ele veio se formando, porque os grupos de cultura tradicional nunca é formado numa tarde e tal. A gente começa a considerar, a partir de 1986, quando eu volto de um festival de cultura tradicional no Sudeste da França, e eu já com os meus discípulos aqui em São Paulo, e eu volto muito inspirado, e esses discípulos que já tinham ficado aqui, continuado o trabalho.

__E eu volto inspirado, e a gente resolve realmente ficar e formar um grupo e dar nome a esse grupo, que é o Grupo Cupuaçu. E esse nome de Cupuaçu é justamente, já pensando em algo tradicional, algo raro, que era uma fruta. Cupuaçu, hoje em

dia, ela é conhecida em São Paulo, mas na época não era, assim como o açaí também não era. Então, é isso aí, já querendo cuidar um pouco desse lado do Brasil, esquecido, buscar um pouco esse Brasil. Então, eu estava falando da fruta, mas, no caso, agora, nós estamos falando das manifestações, das danças, músicas, da arte brasileira, e uma determinada arte brasileira que fica meio à margem. Então, nossa função é um pouco trazer para que o brasileiro conheça o Brasil, de uma certa forma, ou um certo Brasil.

__Eu sou o fundador do grupo, um dos fundadores do grupo. A turma chama assim do Amo, do Mestre, dessa liderança, um pouco mais velha, mas termina virando também um líder comunitário, não só no grupo. Eu vim da cidade de Cururupu, no Norte do Maranhão, e vim fazendo todo um trabalho até

chegar em São Paulo. Na verdade, eu saí de lá para ir para o Rio de Janeiro, trabalhar com o Grupo de Teatro Vento Forte. O grupo foi para o exterior também, para vários lugares, foram para os Estados Unidos fazer temporada, circuito universitário, depois viajamos a alguns países da Europa. E, por onde andei, sempre pesquisando também, estudando cultura de outros lugares, outros continentes, e sempre com foco na minha cultura, na cultura brasileira, acreditando que essa herança deixada por nossos ancestrais não foi por acaso, acreditando que nós iríamos precisar dela, principalmente nós, descendentes dos africanos, e precisar dessa cultura aqui no Brasil nos dias de hoje para dialogarmos com outras etnias.

__Eu gosto muito dessa contemporaneidade da rua, quando falo em contemporaneidade, a gente

está ali fazendo cultura tradicional e todo o movimento com o povo da rua, não só o povo em situação de rua, mas todas as situações que... Pessoas que passam, pessoas, às vezes, de outros estados, do Maranhão, sempre tem um maranhense que se identifica com... “Ah, o Maranhão, eu via, não sei o quê”, sempre tem. Outros lugares que têm o Bumba-meu-boi também. Todas as pessoas, de certa forma, se identificam com o Bumba-meu-boi ali na rua. Ele tem essa magia, ele tem esse encanto.

__Na foto estão os personagens, o príncipe principal, o boi, com uma pessoa central que dança embaixo do boi, que é chamado ali de miolo. Os vaqueiros, aqui que são de fita, os vaqueiros, as vaqueiras, que são ali os cuidadores da fazenda. Aqui está o pai Francisco, bem em evidência, com a blusa rosa

por baixo do paletó enfeitado, a máscara preta. Os índios, as índias, representando aqui os povos indígenas. A mãe Catirina, que é esposa do pai Francisco, também... não aparece aqui, simplesmente na foto, mas está no espetáculo. Os músicos lá atrás com o pandeirão. Basicamente isso, o público e a formosa Catedral da Sé ao fundo.